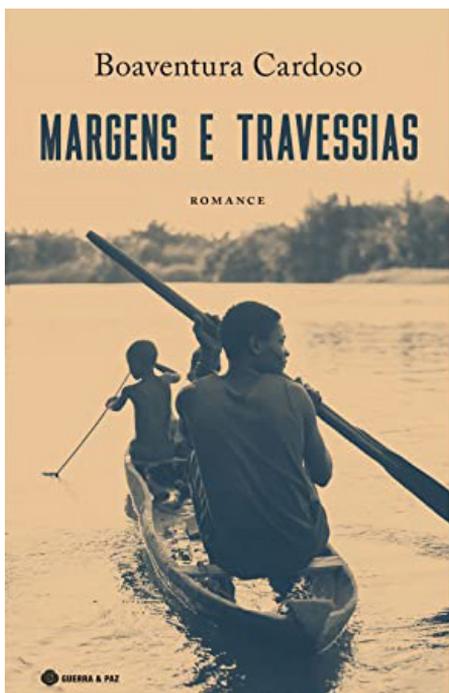


Boaventura Cardoso: *Margens e Travessias*. Lisboa: Guerra e Paz, 2021, 376 pp.

Fernando Alberto Torres Moreira (UTAD / CECS)



Publicado em 2021, pela editora portuguesa Guerra e Paz, *Margens e Travessias*, de Boaventura Cardoso, é uma obra que, no quadro da literatura angolana, merece uma atenção particular, seja porque se trata de um romance com uma dimensão poética e estética apuradas, seja porque perpassa no evoluir das suas páginas um vibrante e livre pensamento sobre a história de Angola, uma espécie de estado da arte da identidade cultural angolana expressa num tipo de linguagem que compulsa a(s) realidade(s) mais profunda(s) através de uma leveza sonora, rítmica e semântica notável. Com toda a propriedade e acerto, Marco Lucchesi classificou esta

obra de Boaventura Cardoso como um “alto romance” e, convocando a exigência que o autor coloca no seu múnus literário, João Melo, informando que *Margens e Travessias* demorou sete anos a ser escrito, entende tratar-se de um romance que já nasceu “clássico”, comparável a obras, já com essa marca, de Luandino, Pepetela ou José Eduardo Agualusa que lhes advém do “facto de terem a ver com a formação de Angola e dos angolanos” para lá de uma inegável e reconhecida qualidade literária. Subindo a fasquia, Tânia Macedo, professora na Universidade de São Paulo, refere a obra como épica na sua expressão de uma Angola “ao mesmo tempo mítica e histórica” e, por isso, marcante para a história angolana.

O enredo de *Margens e Travessias* constrói-se a partir das narrativas de dois personagens: Kitekulo, um soba tradicional com um compromisso com o presente político e Manimaza, um “mais-velho” sem idade, feiticeiro, viajam pelos rios cujas histórias mais relevantes nas margens e travessias infor-

mam a história da terra dos ngola desde o tempo pré-colonial até à atualidade, a história do território e das suas gentes na sua diversidade e adversidades.

Representantes e viajantes do tempo e dos espaços, Kitekulo (um velho soba do interior angolano) e Manimaza (um sábio que conversa com as estrelas e via coisas que ninguém mais podia ver) sulcam os rios da(s) memória(s) angolana(s), “relembraimentos de vivências vividas ou transmitidas, **contadas ou intuídas** dos seus antepassados” (79, sublinhado nosso) num desfilar sem cronologia pré-definida ou organizada que os rios impõem. São as memórias da colonização, como a batalha do Vau do Pembe, em 25 de maio de 1904, da ‘luta’ do território/natureza angolana que vencia os ocupantes pelas doenças como a disenteria ou o paludismo; são lembranças dos bons efeitos da missionação e dos missionários que estiveram ao lado dos angolanos, do “lado da razão” (92), mas também da catequização ideológica soviética pós-independência e da repressão censória.

Memórias do tempo da guerrilha, da luta na clandestinidade, dos “bufos do regime (103), em particular da brutalidade dos militares negros ao serviço do colonizador, mas também dos heróis “mártires esquecidos” (105), do trabalho escravo que conduziria à civilização do negro, da itine-rância forçada pela luta de libertação que obrigava a “um viver em constante sobressalto de margem em margem” (135), de marginalidade, dos lugares abandonados pelos colonos portugueses, símbolos pelas vidas e histórias dos que por lá viveram, “lugares de memória [...] das atividades económicas ali desenvolvidas e das condições em que os angolanos explorados trabalhavam” (139). Memórias dos brancos nascidos e criados em Angola, para os quais “Portugal era o além-desconhecido” e que não sabiam “o que era não ser angolano” (122) apesar de descendentes de quem antes aí tinha chegado com uma única missão – “civilizar as populações nativas e ensiná-las a cultivar a inóspita terra” (124) – mas trazendo também as suas culturas religiosas e profanas. Memórias da segunda guerra de libertação nacional contra os sul-africanos, zairenses e mercenários.

Margens e Travessias expõe o confronto, o convívio e a coexistência entre uma Angola tradicional onde pontificam sobas e a modernidade governativa com os seus deputados eleitos ou os comissários provinciais, entre as crenças ancestrais e a religião dos colonizadores. Desfilam pelos recontos dos protagonistas as ações do colonialista português, mas também a presença dos cubanos na Angola independente, os efeitos da tentativa de imposição de um modelo sociopolítico marxista contrariado por uma África que tem uma identidade própria mantida por “muitas forças ocultas em movimento” (271), a impunidade e abuso das novas autoridades políticas e militares

(173), o exercício autocrático do poder (180), a corrupção numa capital com “gente muito cínica e intriguista” (292) bem diferente das pessoas do interior, humildes e de “muita paz” (341), a disparidade entre o povo e os seus representantes (185), a má sorte de crianças órfãs, viúvas, velhos e mutilados das guerras (197), a resistência à “invasão cultural” zairense que contrariava a “maneira de ser e estar no mundo” dos angolanos (205). Por isso, concluem os protagonistas, “Hoje quando falamos de identidade nacional, temos de ser inclusivos [...] Não podemos excluir as minorias” (206), mesmo a minoria branca angolizada.

Em *Margens e Travessias*, Boaventura Cardoso apresenta uma Angola que “é feita de várias identidades” (208) tal como a grande parte dos países do mundo, porque não se sabe se “há margens bem definidas entre as culturas” (294), ou seja, o autor, ao considerar que todos os acontecimentos, positivos ou negativos, fazem parte da identidade cultural angolana, procede a uma desmistificação da imagem de África e dos africanos para os europeus e ressalta os efeitos de uma miscigenação positiva (229) porque os rios unem e não dividem, somam e não subtraem enquanto lugares de vida e morte.

Exemplar é o caso da abordagem que faz à questão da escravatura: na senda de uma reparação da história e dos elementos culturais que a fundamentam, aspetos institutivos de toda a narrativa, Boaventura Cardoso é taxativo: “é preciso dizer também, a bem da verdade histórica, que o comércio da escravatura envolvia tanto brancos, quanto mulatos e negros” (257).

Margens e Travessias é um romance sobre a história de Angola feita de leituras, vivências e do ouvir contar; por essa razão, os dois protagonistas que a ‘escrevem’, dotados da imanência e transcendência da memória dos antepassados, de “outras vidas passadas”, fizeram uma revisitação de memórias partilhadas de “margem a margem” (244), “remexendo memórias [...] revivendo alguns aspetos contados pelos rios” (258).

Romance seminal (também épico, nas palavras de Tânia Macedo) que, como bem notou João Melo, dialoga com o *Livro dos Rios* pela temática, metáfora e linguagem ao “estilo fundante” de Luandino Vieira, consagra-se como peça essencial de presente e futuro para a história e cultura de Angola, seja pelo conteúdo, seja pela qualidade narrativa que Boaventura Cardoso conseguiu elevar a um patamar que muito poucos alcançam. Lição de história, livro testemunho e testamental, *Margens e Travessias* é, por isso, uma obra de referência incontornável no quadro da literatura produzida em língua portuguesa e um repositório de história e cultura feito sem peias que muito contribui para um melhor conhecimento de Angola.